

Educação Social em Movimento

(Form)ação:
Educação Social em Movimento:
“Inclusão e Diversidades”

Portfólio da Formação para Educadores Sociais

REALIZAÇÃO:



EXECUÇÃO TÉCNICA:



Expediente

Coordenação editorial: Aline Figueiredo

Preparação do texto e normalização: Aline Figueiredo

Revisão: Aline Figueiredo, Paulo Silva, Rafael Martins e Camilla Marcondes Massaro

Elaboração:

Revisão e preparação de texto: Amanda Penachin

Projeto Gráfico: Vinicius Martin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Editora Splendet, SP, Brasil)

E24

Educação Social em Movimento: (form)ação – Inclusão e Diversidades : portfólio da formação para educadores sociais / Academia Social ; organização Aline Figueiredo e GEPPEs (Grupo de Estudos e Práticas Permanentes em Educação Social). — Campinas : Editora Splendet, 2025.

85 p. : il., color.

ISBN: 978-65-89946-62-5

1 Educação social. 2. Formação de educadores. 3. Práticas educativas. 4. Políticas públicas. I. Academia Social. II. Figueiredo, Aline, org. III. GEPPEs, org. IV. Título.

CDD 370.19

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Paula Carolina Pereira CRB: 8/9755

Créditos Institucionais: Academia Social | Fundação FEAC | Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) | Grupo de Estudos e Práticas Permanentes em Educação Social (GEPPEs)

Obs.: este portfólio foi integralmente sistematizado por Aline Figueiredo, a partir dos registros, relatórios e vivências realizados durante a formação Educação Social em Movimento: Inclusão e Diversidades. As ferramentas de Inteligência Artificial foram utilizadas exclusivamente como apoio à organização textual, sob curadoria e autoria plena da autora.

Sumário

Apresentação	05
Percorso Formativo	09
Memorial Narrativo dos Encontros	12
Encontro 01 – Histórias da Educação Social no Brasil	13
Encontro 02 – Identidade Coletiva dos Educadores Sociais	19
Encontro 03 – Educadores, Corpo e Território	24
Encontro 04 – Educação, Política e Sociedade	31
Encontro 05 – Educadores e a Política de Assistência Social	38
Encontro 06 – O papel mediador dos educadores sociais	47
Encontro 07 – Educação como prática de liberdade	59
Encontro 08 – Educação, Cultura Popular e as relações étnicos raciais	68
Participantes: quem moveu esse percurso	75
Depoimentos e Frases que Atravessaram a Formação	77
Atividades geradoras em destaque	79
Encerramento ou novo percurso?	81
Glossário político-afetivo da Educação Social	82
Referências	84

A Academia Social é uma iniciativa inovadora e estratégica voltada para a capacitação dos agentes que atuam ou desejam atuar no ecossistema social do município de Campinas. Fruto de uma parceria de cocriação entre a Fundação FEAC e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), com a participação do Grupo de Estudos e Práticas Permanentes em Educação Social (GEPPEs), a Academia se organiza em três dimensões estruturantes: Formação; Produção e Difusão do Conhecimento; e Oportunidades de Atuação.

O material aqui apresentado se relaciona de forma direta à dimensão Produção e Difusão do Conhecimento que compreende a elaboração, sistematização, diagramação e publicação de materiais em diversos formatos, derivados dos conhecimentos produzidos nas formações e capacitações ofertadas pela Academia Social através dos seus cursos.

Entendemos que enquanto iniciativa viva e dinâmica, os produtos de conhecimento gerados no âmbito da Academia Social podem circular de forma livre, desde que respeitada a divulgação da autoria e exceto para fins comerciais, buscando fortalecer ações, atividades, projetos e organizações que atuem não só em Campinas/SP, mas em outros ecossistemas sociais.

Mais informações sobre a iniciativa podem ser encontradas em
www.academiasocial.org.br

Nos conte também pelo e-mail
pdhi.academiasocial@puc-campinas.edu.br

Se conecte a nós através das redes sociais no
[@academiasocialcampinas](https://www.instagram.com/academiasocialcampinas)

Campinas, novembro de 2025.
Equipe Técnica – Academia Social

Agradecimentos

Este portfólio é fruto de uma construção coletiva – feita de ideias, experiências, mãos que acolhem, escutam e criam juntas. Nada do que foi vivido na formação “Educação Social em Movimento” seria possível sem as pessoas, instituições e territórios que disseram sim à escuta, à partilha e ao movimento.

Nosso agradecimento profundo a cada educador e educadora social que participou dos encontros. Cada fala, silêncio, memória e presença fizeram da formação um território de afeto, resistência e transformação.



Prólogo

Começamos com café, com roda, com post-it, com memória.



Teve quem chegou calado, quem chegou ferido, e quem chegou sorrindo com o cansaço.



Falamos do que a política não alcança, do que a rede precisa e do que a escuta reconstrói.



Fizemos elogios pelas costas, devolvemos futuro em forma de carta, e deixamos a armadura descansar para a música levar o que não serve mais. O Educador chamado CUIDADO passou por aqui. Pisou firme. Olhou nos olhos. E partilhou silêncio, luta e recomeço. Não foi só formação. Foi uma travessia.

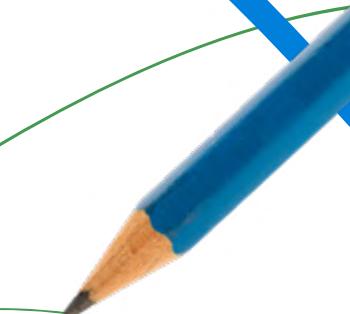
**Mas ninguém
saiu como
entrou.**



Tocamos o chão com os pés, com as mãos, com as palavras.



**E agora, é a
memória que
se multiplica.
Seguimos.**



Apresentação

A formação Educação Social em Movimento: Inclusão e Diversidades foi desenvolvida e facilitada pelo Grupo de Estudos e Práticas Permanentes em Educação Social (GEPPEs). Atuante desde 2016, o GEPPEs reúne educadores e educadoras sociais comprometidos com práticas libertárias, populares e emancipatórias, oferecendo formações e espaços de partilha para trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e de outras políticas públicas.

O GEPPEs nasce a partir do olhar e das experiências de educadores e educadoras sociais, com o objetivo de discutir e pesquisar metodologias de atuação nesse campo, oferecendo espaços de troca de experiências e visando articular práticas contemporâneas em Educação Social e Popular.

Atualmente, o grupo é coordenado por Paulo Silva – Educador Social, Mediador Sociocultural, Coordenador de Projetos Sociais e Serviços Especializados em Campinas, Pedagogo e pós-graduado em Arte-Educação pelo Instituto Brasileiro de Formação de Educadores (IBFE), e conta com diversos educadores sociais que compõem os processos formativos e as ações no segmento.

Os principais objetivos do GEPPEs são:

Promover formações na área da Educação Social e divulgar as possibilidades de atuação baseadas em práticas libertárias;

Fortalecer a identidade profissional da categoria;

Instrumentalizar educadores e educadoras sociais, bem como demais profissionais, para atuação na área;

Apresentar e socializar projetos e/ou processos em Educação Social;

Pesquisar e discutir práticas metodológicas no campo da atuação educadora;



Principais metodologias

Incentivar espaços de fomento em Arte-Educação e Cultura Popular;

Exposição dialogada;

Diálogos circulares e compartilhamento de saberes;

Vivências por meio da práxis educadora;

Oficinas temáticas e geradoras;

Vivências em Arte-Educação e Cultura Popular.

As formações oferecidas pelo GEPES procuram apresentar conceitos teóricos da área, mas se aprofundam nas práticas e vivências dos participantes. Os temas e conteúdos a serem discutidos são definidos a partir da “leitura do mundo” realizada em conjunto com as (os) participantes.

O curso foi ofertado com o objetivo de promover (form)ações que fortalecessem a identidade, a prática e o papel dos educadores sociais nos territórios. Foram oito encontros formativos realizados entre fevereiro e maio de 2025, conduzidos com sensibilidade, escuta ativa, metodologias populares e provocação crítica. Mais do que uma formação técnica, o percurso se consolidou como um espaço de memória, reflexão, resistência e invenção coletiva.

Este portfólio reúne os principais marcos da caminhada formativa, trazendo registros poético-narrativos dos encontros e um banco sistematizado de propostas metodológicas (passo a passo replicável), para que outros grupos possam se inspirar, adaptar e multiplicar. Além disso, compõe-se de um Glossário político-afetivo, depoimentos e frases-marco, imagens da caminhada e produções simbólicas do grupo.

Mais do que contar o que foi feito, este material deseja partilhar possibilidades, reconhecer histórias e sustentar uma certeza: a Educação Social é movimento – e é na coletividade que ela floresce.

Percorso Formativo

A formação Educação Social em Movimento foi composta por oito encontros presenciais, realizados entre os meses de fevereiro e maio de 2025, em espaços parceiros como o Centro Educacional Integrado – CEI e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas. Os encontros foram conduzidos por educadores sociais com ampla experiência nos territórios e nas políticas públicas, convidados pelo GEPES, que também coordenou pedagogicamente todo o percurso.

Cada encontro abordou um tema estruturante da prática educadora, com metodologias participativas, rodas de conversa, dinâmicas de corpo, escrita, partilha e escuta. O grupo participante foi composto por educadores de diferentes serviços, organizações e vivências, promovendo um ambiente de diversidade, trocas genuínas e construção coletiva.

A seguir, apresentamos os temas centrais que orientaram cada encontro:

Encontro 01 – 22 de fevereiro de 2025 **Histórias da Educação Social no Brasil**

Integração do grupo, partilha das motivações e sentidos do educar, construção de acordos de convivência.

Encontro 02 – 08 de fevereiro de 2025 **Identidade Coletiva dos Educadores Sociais**

Uso de imagens geradoras como disparadoras de leitura de mundo e reflexão sobre a profissão.

Encontro 03 – 15 de março de 2025 **Educadores, Corpo e Território**

Vivências corporais e musicais como linguagem de resistência, pertencimento e ancestralidade.

Encontro 04 - 22 de março de 2025
Educação, Política e Sociedade

Escrita temática e cineclube como ferramentas de formação crítica e leitura das desigualdades sociais.

Encontro 05 - 29 de março de 2025
Educadores e a Política de Assistência Social

Estudo da Resolução CNAS nº 09/2014 e fortalecimento da identidade profissional no SUAS.

Encontro 06 - 05 de abril de 2025
O papel mediador dos educadores sociais

Exercícios de escuta e mediação de conflitos a partir de histórias cruzadas e sentimentos vivenciados.

Encontro 07 - 12 de abril de 2025
Educação como prática de liberdade

Partilha de histórias de vida, saberes ancestrais com ervas e escrita de cartas de autocuidado.

Encontro 08 - 10 de maio de 2025
Educação, Cultura Popular e as relações étnicos raciais

Celebração do percurso formativo com vivências artísticas, saberes afro-brasileiros e reflexões sobre identidade, pertencimento e justiça racial.

A culminância da formação foi realizada no último encontro coletivo de celebração e partilha, com a apresentação do Memorial Coletivo, sistematização das aprendizagens, e devolutiva afetiva e política do percurso vivido.

A cada etapa, os participantes foram convidados a vivenciar metodologias que ultrapassam o conteúdo teórico e mobilizam o sensível, o corpo, a escuta e o afeto como ferramentas pedagógicas. Essas práticas foram registradas e organizadas neste portfólio como um banco de atividades replicável, que compõem um dos principais produtos de conhecimento da Academia Social.



Memorial Narrativo dos Encontros

Nesta seção, reunimos os registros sensíveis e poéticos, dos oito encontros que compuseram a formação Educação Social em Movimento. Mais do que relatar o que foi feito, esses textos convidam à memória afetiva, à escuta das entrelinhas e ao reconhecimento das histórias que atravessaram o grupo ao longo da caminhada.

Cada encontro foi sistematizado a partir da escuta, das falas e das vivências compartilhadas, compondo um memorial que honra a prática dos educadores sociais como ato político, pedagógico e profundamente humano.

Também apresentamos a metodologia criada para a realização de cada encontro da nossa formação, estruturadas em formato de passo a passo. Cada proposta pode ser reaplicada em diferentes contextos e públicos – adolescentes, famílias, educadores, equipes técnicas ou grupos comunitários.

As práticas aqui sistematizadas valorizam a escuta, o corpo, a ancestralidade, a mediação e a produção coletiva de saberes – dimensões essenciais da Educação Social enquanto prática libertadora. Mais do que técnicas, são convites ao encontro, ao cuidado e à construção compartilhada de sentidos.

Recomendamos que sejam aplicadas com escuta ativa, presença afetiva e abertura para acolher os processos que emergem no grupo.

Sinta-se livre para adaptar, recriar e ampliar este percurso!



ENCONTRO 01
22 DE FEVEREIRO DE 2025

Histórias da Educação Social no Brasil



Mediador **Paulo Silva**

Educador social que caminha com o SUAS no corpo e na alma. Cofundador do GEPES, semeia encontros com humor, escuta e compromisso político. Educador social atuante no SUAS desde 2004, com experiência em diversas organizações da sociedade civil nas cidades de São José dos Campos e Campinas (SP). Cofundador do GEPES, que atua desde 2016 na formação e capacitação de educadores sociais e profissionais da assistência social. Coautor de dois Guias Práticos de Atividades para Educadores Sociais, elaborados pelo projeto “Identidade e Saberes”, em parceria com a Fundação FEAC. Especialista em Arte-Educação e militante da área da infância e juventude, com foco na garantia de direitos.

Instagram: [@paulo_silvaeducador_](https://www.instagram.com/@paulo_silvaeducador_)

A manhã começou com acolhimento, café, crachá e sacola, caderno, caneta, calendário e um exemplar do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Tudo simbólico, tudo início.

Camilla, professora e coordenadora geral da Academia Social, deu boas-vindas ao grupo e nos lembrou que a PUC-Campinas é uma universidade comunitária – e isso quer dizer muita coisa: que o saber precisa circular, que o espaço é de todos, e que ocupar também é resistir.

Paulinho nos contou sua história. Falou dos 20 anos de caminhada com a Educação Social e nos situou no que seria essa jornada em oito passos. Falou da parceria com o CEI, da importância do espaço e da alimentação. Falou com verdade. E escutou com o corpo.

Aline, coordenadora pedagógica do GEPPEs e assistente de projeto na Academia Social, também se apresentou. Breve, clara, afetiva. Disse que está ali para registrar os encontros, acompanhar, ouvir, pensar junto e se emocionar, pois cancerianos são assim, pura emoção. Disse que está à disposição. E estava. E assim permaneceu.

Rafael, coordenador de comunicação e articulador do GEPPEs, lembrou que nosso maior compromisso é não repetir injustiças. E que ser educador é não se omitir diante delas. “Nosso saber se constrói no território, com o corpo inteiro e com a escuta aberta.” Assim ele nos disse.

Gilberto, formador do GEPPEs, encerrou a roda de apresentações da equipe com o peito aberto. “A gente não tem pele, a coisa pega direto na carne.” Disse isso e ficou. Não foi uma frase solta. Foi um chamado.

Depois, veio o corpo do grupo.

Nos apresentamos com objeto de fala. Escolhemos, falamos, escutamos. E escrevemos.

Escrevemos em post-its, com as perguntas disparadoras:

entre tantas outras, carregadas de afeto e simbologia.

*O que me motivou
a buscar essa
formação?*

*O que é Educação
Social/Popular
para mim?*

*Qual palavra
desejo repetir ao
longo da minha
vida?*

E as palavras vieram:

Esperançar

Acolher

Transformação

Empatia

União

Saber

Força

Amor

Pertencimento

Conexão

Colamos em painéis e, sem saber, colamos também um pouco de nós naquele lugar.

Encerramos com a construção coletiva dos acordos de convivência.

Falamos de respeito, escuta, pontualidade, cuidado, leveza.

Falamos como quem já sabe que vai estar junto por um tempo que importa.

E tiramos uma foto.

Não para o Instagram (ou também para ele), mas para guardar na memória dos corpos que estavam ali.

Dos corpos que habitaram aquele espaço. Dos corpos que se encontrariam para fazer história. E que história!



Metodologia - Chegança e Boas-vindas!

Intencionalidade geradora

Promover acolhimento e escuta ativa no início de um percurso formativo, a partir da partilha de motivações, sentidos e desejos.

Tempo médio: 40 a 50 minutos

Materiais: Três post-it por participante, canetas, papel kraft ou quadro para agrupamento dos registros

Desenvolvimento

- Forme uma roda de abertura.
- Acolha o grupo de maneira leve e afetuosa, explicando que este será um momento de escuta e aproximação simbólica.
- Entregue três post-its para cada pessoa. Solicite que escrevam uma palavra em cada post-it, respondendo às seguintes perguntas:
 - O que me motivou a buscar essa formação?
 - O que é Educação Social/Popular para mim?
 - Qual palavra desejo repetir ao longo da minha vida?
 - Peça que compartilhem em voz alta as três palavras.
 - Cada pessoa pode se apresentar brevemente, lendo suas palavras ou explicando-as, se preferir. Mantenha um ritmo acolhedor, sem pressa.
 - Agrupe os post-its em painéis ou colagens temáticas.
 - Use um espaço visível da sala (parede, quadro ou cartolina) para fixar os

post-its, permitindo que o grupo visualize coletivamente os sentidos que emergiram. (Dica: use cores diferentes para cada pergunta.)

Fechamento

Feche a atividade com uma leitura coletiva ou simples observação do painel.

- Você pode perguntar:
 - “O que vocês enxergam nessas palavras todas?”
 - “Quais palavras mais se repetiram? Quais tocaram vocês?”







ENCONTRO 02
08 DE MARÇO DE 2025

Identidade Coletiva dos Educadores Sociais



Mediador **Paulo Silva**

Educador social que caminha com o SUAS no corpo e na alma. Cofundador do GEPES, semeia encontros com humor, escuta e compromisso político. Educador social atuante no SUAS desde 2004, com experiência em diversas organizações da sociedade civil nas cidades de São José dos Campos e Campinas (SP). Cofundador do GEPES, que atua desde 2016 na formação e capacitação de educadores sociais e profissionais da assistência social. Coautor de dois Guias Práticos de Atividades para Educadores Sociais, elaborados pelo projeto “Identidade e Saberes”, em parceria com a Fundação FEAC. Especialista em Arte-Educação e militante da área da infância e juventude, com foco na garantia de direitos.

Instagram: [@paulo_silvaeducador_](https://www.instagram.com/@paulo_silvaeducador_)



Chegamos com a leveza de quem já se reconhece na roda, mas também com as perguntas que ainda nos atravessam.
O café nos acolheu primeiro.
A cozinha, sempre parceira, pensou com cuidado: havia pão, afeto e, dessa vez, a diversidade de alimentos que contemplou a todos. Detalhes que dizem muito. Novos integrantes chegaram. E, com eles, novas histórias.

As orientações iniciais foram retomadas.

Tudo de forma viva, sem repetir por repetir – mas para reintegrar quem começava o percurso.

Paulinho nos trouxe uma imagem:

Falou da educação social como campo de disputa. Disse que a prática precisa sair do improviso e da idealização. E que não precisamos ser especialistas para falar do que atravessa nosso povo.

“ a de que educar é ler o mundo. E para isso, é preciso escutar antes de ensinar. ”

**Basta estar por inteiro.
Depois, vieram as imagens.**

**Banco de imagens geradoras.
Espalhadas pelo chão, pelas mesas, pelos olhos.**



A pergunta era uma só:

“ Qual é a sua leitura de mundo? ”

Cada pessoa escolheu uma imagem.

Conversamos em subgrupos.

Refletimos, conectamos, escutamos. E voltamos para a roda.

Com outras perguntas:

“ Qual o lugar da desigualdade? ”

“ Como falamos de gênero, raça, território? ”



“ Onde está a educação social nisso tudo? ”

O grupo respondeu com o corpo, com a memória, com as ausências.

Falamos das violências que não são só físicas. Falamos da solidão, da exclusão, do desamparo. E também das potências. Da música, da cultura, da fé, da comunidade.

Fomos lembrados de que o educador não é neutro. Ele tensiona. Provoca. Acompanha.

Não entrega caminho pronto, mas caminha junto. Fechamos com a certeza de que cada um tem sua lente, mas que só enxergamos mais longe quando colocamos as lentes lado a lado.

E assim seguimos: com mais imagens internas, mais perguntas e mais coragem. E ancoragem!

Metodologia - Antes da Leitura da palavra, o que a gente tem pra ler é o mundo

Intencionalidade geradora: estimular a leitura crítica da realidade por meio de imagens que provocam reflexões sobre o mundo, o território e a prática profissional.

Tempo médio: 2h

Materiais: impressões coloridas de imagens simbólicas (mínimo uma por participante), cartolinhas, cola ou fita adesiva.

Desenvolvimento

- Selecione e organize as imagens geradoras.
- Escolha imagens diversas que representem temas sociais como: infância, juventude, trabalho, desigualdade, território, racismo, resistência, cuidado, cultura popular, entre outras.
- Espalhe as imagens pelo espaço ou deixe dispostas sobre mesas.
- Convide cada participante a circular e escolher uma imagem que, de algum modo, representa sua leitura de mundo. Forme pequenos grupos de partilha.
- Peça para que compartilhem entre si os motivos da escolha da imagem, e como ela se conecta com sua trajetória e atuação.
- Volte para a roda para socialização coletiva.

Fechamento

- Abra espaço para que algumas pessoas tragam suas impressões para o grupo todo. Utilize perguntas disparadoras:
O que essa imagem diz sobre você?
O que ela revela sobre o mundo que você observa?
O que ela esconde?
- Se desejar, proponha o registro coletivo em cartaz
- Cada grupo pode escrever uma palavra/frase que represente a conversa provocada pelas imagens e colar sua imagem ao lado, formando um painel visual do território simbólico do grupo.





ENCONTRO 03
15 DE MARÇO DE 2025

Educadores, Corpo e Território



Mediator **Alexandre Alves**

Educador que faz do corpo tambor e da capoeira linguagem de cuidado. Traz no gingado a ancestralidade que atravessa a prática. Iniciou sua experiência como educador social há 24 anos, utilizando a capoeira como linguagem cultural. Atua com vivências em práticas corporais voltadas para crianças, adolescentes e adultos, nos campos da cultura, esporte e saúde. É educador de manifestações culturais aplicadas a crianças e adultos com múltiplas deficiências. Possui também experiência em Educação Social em CAPS-IJ (Centro de Atenção Psicossocial Infantil), além de vivências com metodologias corporais voltadas para crianças e famílias na Alemanha e na Suécia. Atualmente atua como educador social em Serviço Especializado ligado ao SUAS na cidade de Campinas. Educador social que caminha com o SUAS no corpo e na alma. **Instagram: @alvesmarimbondo**

Mediadora **Jacqueline Gimenez**

Educadora social e diretora de educação infantil que acredita na potência dos coletivos e no poder da escuta para transformar realidades.

– Formada em Filosofia e Pedagogia teve em sua trajetória de estudos origem na escola e na universidade pública. Atuante por mais de 30 anos na área da educação e da assistência social, possui a certeza que conduz sua essência de que só se muda o mundo através da educação e da justiça social. Jacqueline segue acreditando nas pessoas e na potência dos coletivos e das ações que nascem dos sonhos. **Instagram: @jacq_gi**



A manhã começou com café coletivo e escuta prática.



Jacqueline contou sua história com a educação infantil e a paixão em tocar a história do outro com respeito e sentido. Perguntou: "O que de bom do outro fica em nós? E o que de nós fica no outro?"

Na roda, Paulinho apresentou os mediadores: Alê e Jac, dois educadores que, antes mesmo de falar, já diziam com o corpo que estavam ali por inteiro.

Alexandre abriu com uma provocação sobre a presença. Compartilhou sua trajetória de 24 anos na Educação Social, onde a capoeira, a arte e o afeto sempre foram pontes. Disse: "A gente faz da prática o nosso tempo de vida."

Começamos com o corpo em roda. A música "Olá, como vai?" embalou a dança leve, os toques de mão, os sorrisos, os olhares.



Corpo se encontrando com corpo.

Gente se reconhecendo.

Alexandre falou da Pisada: a dos povos africanos, a da Capoeira, a que marca o chão dizendo:
“Estou aqui. De pé. Resistindo.” E então dançamos o Samba de Coco.
“No mar tem areia...”
“Um babado só...”

O som dos pés no chão, os ombros soltos, os quadris livres. A roda vibrava.

Falamos da ancestralidade, da memória das mulheres negras, da força do corpo como território.

Dissemos que o batuque vem do útero. E que a memória também é ritmo.

Pausa para o café. Mas ninguém parou de sentir.

Na roda de conversa, veio a pergunta:

“

Quem é o educador social?

”

Vieram as respostas:

“É quem não se abandona diante da burocracia.”

“É quem está inteiro, mesmo não estando completo.”

“É quem sabe que a prática sem teoria não sustenta. E a teoria sem prática não funciona.”

Ouvimos sobre o Hip Hop como resistência, sobre a escola que exclui, sobre o corpo que dança porque já chorou demais.

E no final, o grupo se dividiu para a dinâmica do Cardápio Musical.

Cada grupo trouxe músicas da infância à vida adulta.

Cantamos. Rimos. Choramos.

As memórias apareceram no som e no silêncio.

Alexandre e Jacqueline encerraram dizendo: “Missão cumprida.”

E nos lembraram: “Às vezes, o choro é o que temos para entregar.”

Saímos de lá marcados.

“Com a armadura lavada pelo riso, e o corpo lembrando que resistir também é dançar.”

Metodologia - Vivência Corporal com Música + Cardápio Musical

Intencionalidade geradora: trabalhar o corpo como linguagem e memória, fortalecendo vínculos afetivos e identitários a partir da música e do movimento.

Tempo médio: 1h45

Materiais: caixa de som, playlist musical.

Desenvolvimento

Vivência Corporal com a música “Olá, como vai?”

Letra da música:

*Olá, como vai? Olá, como vai?
 Eu vou bem, eu vou bem
 E você, vai bem também?
 Legal, legal, legal!*

- Forme um círculo com os participantes.
- Convide o grupo a deixar bolsas e objetos pessoais de lado e estar disponível para a vivência com o corpo.
- Toque a música “Olá, como vai?”
- Incentive que os participantes se movimentem pelo espaço durante a música, interagindo com toques sutis, olhares e cumprimentos espontâneos (mão no ombro, abraço breve, sorriso, aceno). Estimule a presença e o vínculo. Oriente para que a movimentação seja leve, respeitosa e afetuosa. A intenção não é coreografar, mas criar um ambiente de acolhimento com o corpo.

Fechamento

Finalize com roda de partilha, pergunte:

Como foi viver essa experiência com o corpo?

O que o seu corpo comunicou antes mesmo das palavras?

Como o corpo educa, sente, escuta?

Segunda atividade

Desenvolvimento: Cardápio Musical:
Linha do tempo da vida em canções

Intencionalidade geradora: estimular a memória afetiva e cultural a partir de músicas que marcaram diferentes fases da vida.

Tempo médio: 1h30

Materiais: Papel Kraft e Canetinha



Desenvolvimento

- Forme pequenos grupos (3 a 5 pessoas).
- Cada grupo deverá listar músicas que marcaram sua infância, juventude e vida adulta.
- Na socialização, cada integrante canta a música que escolheu ao grupo e aos demais participantes, explicando o porquê da escolha.
- Em um papel kraft, os grupos escrevem trechos ou nomes das músicas escolhidas, criando um “cardápio musical” coletivo.

Fechamento

Finalize com roda de conversa.
Que lembranças vieram à tona?
Como a música também educa?
Como a música pode ser ferramenta na nossa prática com os grupos?







ENCONTRO 04
04 DE MARÇO DE 2025

Educação, Política e Sociedade

Mediator Rafael Martins



Educador popular que articula sonhos e lutas. Militante dos movimentos sociais, acredita no poder da palavra e do orçamento público como ferramentas de transformação. Atua há mais de 20 anos em projetos sociais com referência nas políticas de juventude e iniciou como educador social na rede de assistência social em 2011. Possui formação técnica em administração e graduação em pedagogia, conciliando teoria e prática na gestão e planejamento de coordenação em projetos, movimentos, coletivos e oficinas temáticas. Desde 2001 se encantou pela luta política e busca alimentar suas utopias sempre multiplicando horizontes e alicerces para que as pessoas possam se desenvolver na luta constante por direitos e autonomia. Estimula a formação política de atuantes de movimentos e coletivos a conquistarem suas demandas por orçamento público e na ocupação de espaços em conselhos de participação social. **Instagram: @r_afaelmartins**

Era manhã de sábado. A acolhida foi leve, mas o conteúdo veio denso.

Rafael chegou com papel e escuta. Cada participante escreveu três palavras:



do seu jeito, da sua vivência.

Os papéis foram guardados. Iriam voltar no fim. Mas ninguém sabia disso ainda.

Depois, Rafael disparou uma pergunta que virou espelho:

**“ De onde vêm suas potências?
E suas resistências? ”**

E começamos a falar de luta. *Da luta de cada um.*

Individual, coletiva, histórica, cotidiana.

Ele nos lembrou que o educador não é só técnico.

É também ética. É política. É referência, mesmo quando não está “trabalhando”.

Porque educar não tem crachá. **Tem postura.**

Falamos sobre o cuidado com os vínculos.

Sobre o risco de burocratizar afetos.

Sobre o desafio de não tomar para si a luta do outro.

**“ A identidade educadora não deve conduzir
educandos, devem provocar o pensar a
encontrar possibilidades ”**

Veio Paulo Freire.

Veio o “Professora sim, tia não.”

Veio o afeto que não infantiliza.

O afeto que não substitui a autonomia.

O afeto que emancipa. O afeto que não é afetivismo. E então veio a frase:

Quando apresentamos uma resposta pronta, geramos a dependência pedagógica e colonizamos a vida do outro



Silêncio na sala.

O tipo de silêncio que não é vazio. É digestão.

Assistimos ao documentário “O Espetáculo Democrático”.

Cineclube como metodologia. Cinema como disparador.

As perguntas vieram como flechas:

“

Por que os movimentos sociais saíram de cena?

“

Como sustentar lutas em tempos de fragmentação?

“

Para quem são feitas as políticas públicas?

“

Qual o papel da democracia: representativa ou participativa?



Rafael explicou que há três relações possíveis entre elas:

Paralela

Dialética

Oposição

E que entender essas relações é o que diferencia um educador conservador de um educador popular.

Falamos da ausência do Estado. Do direito de ir e vir como produto e não como direito.

Do transporte como privilégio. Da meritocracia como ilusão.

E alguém disse: "Falta revolta."

Porque esperançar, todo mundo fala. Mas se não tiver indignação, o movimento não sai do lugar.

No fim, os papéis com as palavras voltaram.

Cada pessoa recebeu o de outra. Três palavras. Três visões de mundo.

Três escutas que agora pertenciam também a quem leu.

E saímos de lá lembrando:

Não dá para fazer política sem escutar.

Não dá para educar sem revolta.

E não dá para transformar se a gente não tensionar.

Metodologia - Escrita Temática + Cineclube



Intencionalidade geradora: estimular o pensamento crítico e o diálogo coletivo por meio da escrita pessoal e da análise audiovisual, relacionando vivências com os contextos sociais, políticos e territoriais.

Tempo médio: 2h

Materiais: papéis em branco, canetas, projetor, caixa de som, vídeo/documentário, cartaz ou papel kraft.

PARTE 1

Escrita Temática: Educação, Política e Sociedade

Conceito condutor do trabalho pedagógico:

A identidade educadora que realiza essa dinâmica deve ter pleno conhecimento e vivência no exercício do diálogo das lutas e dos conflitos próprios das problemáticas do povo. Estabelecer a relação de correspondência entre as diversas palavras e expressões descritas exige repertório, síntese conceitual e experimentação prática.

Desenvolvimento

- Distribua papéis e canetas. Cada participante deve escrever, de forma espontânea, uma palavra que represente sua visão de mundo sobre os temas:

Educação

Política

Sociedade

- Recolha os papéis para uso posterior. Você pode usá-los de forma simbólica no encerramento da atividade (entrega trocada entre colegas, mural coletivo ou leitura anônima).
- Proponha perguntas para breve conversa em roda:

O que te move em cada uma dessas palavras?

Essas dimensões se separam ou se atravessam no seu trabalho cotidiana?

PARTE 2

Cineclube: Exibição e Diálogo de Reflexão Individual e Coletiva

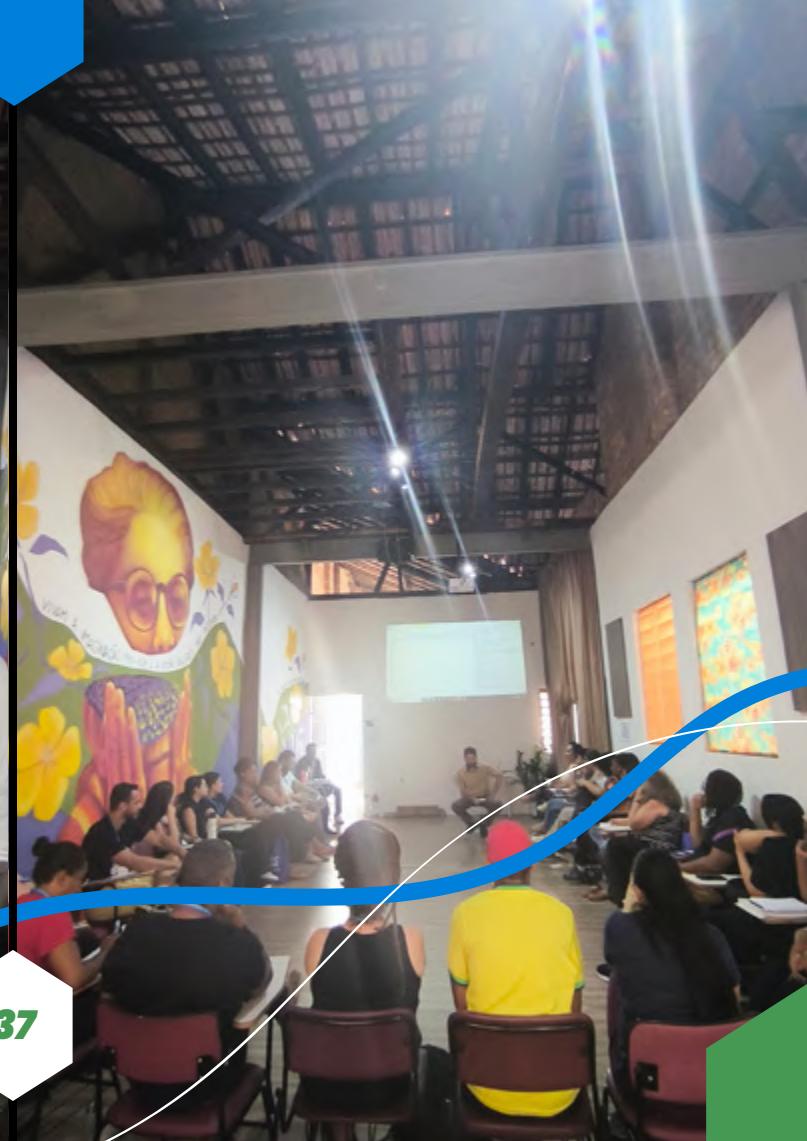
Desenvolvimento

- Escolha um vídeo ou documentário de curta/média duração. Exemplo utilizado: O Espetáculo Democrático.
- O tema deve estar relacionado a políticas públicas, participação social, desigualdades, democracia ou movimentos sociais. Prepare o ambiente para a exibição.
- Organize o espaço de modo acolhedor e silencioso. Certifique-se de que todos consigam assistir e ouvir com qualidade. Exiba o conteúdo.
- Não interrompa a exibição para comentários. Deixe as imagens e falas que provocam os sentidos.
- Logo após, organize a roda de conversa.

Fechamento

- Traga perguntas disparadoras como:
Para quem são feitas as políticas públicas?
Qual o sentido da política no seu território?
A democracia tem sido exercida no seu contexto de trabalho?
Você se vê como sujeito político?
- Registre palavras-chave em cartaz coletivo.
- Construa com o grupo uma síntese visual com ideias que emergiram durante a conversa. Encerramento simbólico com devolutiva das palavras escritas no início.
- Cada pessoa recebe (ou troca com outra) o papel com as três palavras escritas no começo. A intenção é que levem as reflexões como memória e compromisso.







ENCONTRO 05
29 DE MARÇO DE 2025

Educadores e a Política de Assistência Social



Mediadora **Aline Figueiredo**

Educadora social e assistente social que caminha com afeto pelos territórios. Facilita encontros, partilha saberes e semeia cuidado onde a escuta acontece.
– Antes de qualquer título, existe um ser humano. Acolhedora, apaixonada por pessoas e pelas histórias que carrega em cada encontro, acredita que são as relações que transformam e dão sentido ao fazer profissional. É pedagoga por paixão, assistente social por missão e estudante de Criminologia por inquietação política e desejo de compreender as estruturas que produzem desigualdades. Transita pelo SUAS como usuária, trabalhadora, docente, assessora e militante – atravessada por múltiplos lugares. Idealizadora da Teoria na Prática, um sonho coletivo que se tornou projeto de vida.

Instagram: [@teorianapraticasocial](#)

Foi a primeira vez na PUC para muitos ali.

Camilla nos recebeu com braços abertos e palavras firmes:

“ Esse lugar também é de vocês. ”

E era. Naquele dia, foi. E assim continuou.

Aline conduziu a manhã com afeto e precisão.



Começou com a dinâmica do Elogio pelas Costas.

Cada um recebeu um pregador, um papel.

E então andamos pela sala escrevendo palavras nas costas dos colegas.

Silêncio e cuidado. Música, Diversão. Letras que viraram abraço.

No três, todos leram seus elogios. Em voz alta. Ao mesmo tempo.

E o que se ouviu foi um coral de reconhecimento.

Risos, lágrimas e olhos marejados.

**Foi bonito.
Foi necessário.
Foi potente.**

As pessoas precisavam disso. O grupo precisava disso.

Depois do café coletivo, Aline se apresentou.

Não com títulos, mas com histórias.

Disse que é do campo, do SUAS, da prática.

Que conhece os becos, as brechas e os bastidores.

Trouxe uma linha do tempo com as legislações, os marcos, os estatutos.

E explicou com leveza a diferença entre:

assistência
X
assistencialismo
X
serviço social
X
assistente social.

E aí veio a Resolução CNAS nº 09/2014.

Mas ela não veio em slide.

Veio em grupo.

Veio em cartaz.

Veio na prática.

Aline dividiu a turma em três frentes:

Grupo 1

Atividades

Socioeducativas

Falaram de autoestima, pertencimento, escuta.

Disseram: "Na luta diária é necessário intervenção. Estar não é sempre silenciar. Permanecer para escutar é o que o educador vai desenhar."

Grupo 2

Planejamento e Registro

Apontaram os impactos reais do educador.

Falaram de vínculos, redução de danos, acolhimento. "Quem cuida de quem cuida?", disseram – como quem conhece de perto o abandono.

Grupo 3

Articulação com a Equipe

Falaram da importância da escuta coletiva, da quebra de hierarquias. "Conhecer a realidade concreta é mais urgente do que preencher o formulário certo."

A plenária virou força.
 Os cartazes, palavras-vivas.
 E para fechar, Aline trouxe uma história.
 O Educador Social chamado CUIDADO.
 Durante a leitura, cada gesto ganhou sentido:
Respeito – aperto de mão.
Cuidado – abraço.
Acolhida – palmas.
 A roda virou ritual.
 A formação virou memória.
 Saímos dali com algo escrito nas costas,
 mas também no peito:
 ser educador é reconhecer o direito à existência,
 inclusive a nossa.



Metodologia

Elogio pelas Costas + Estudo da Resolução CNAS nº 09/2014 + Educador CUIDADO

Intencionalidade geradora: fortalecer os vínculos afetivos no grupo, aprofundar a compreensão sobre a função do educador social no SUAS e promover o reconhecimento simbólico do cuidado como prática política.

Tempo médio: 2h15

Materiais: pregadores, folhas sulfite cortadas, canetas, impressões da Resolução CNAS nº 09/2014, cartolinhas, canetões.

PARTE 1

Dinâmica: Elogio pelas Costas

Desenvolvimento

- Entregue a cada participante um pregador com uma folha, com a frase: “elogio pelas costas”. Oriente que prendam o papel nas costas da camiseta (na altura dos ombros).
- Convide o grupo a circular pelo espaço e escrever palavras de afeto, reconhecimento ou admiração nas costas dos colegas. A proposta é silenciosa, acolhedora e respeitosa.
- Após alguns minutos, finalize a circulação. Todos retiram os papéis das costas e, no sinal de “3”, leem em voz alta simultaneamente os elogios recebidos.

Fechamento

- Encerre com breve partilha sobre como foi receber elogios por escrito, muitas vezes de forma anônima. Incentive que guardem o papel como âncora para os dias difíceis.



PARTE 2

Estudo da Resolução CNAS nº 09/2014

Desenvolvimento

- Divida o grupo em três subgrupos.
- Cada grupo receberá um trecho da Resolução CNAS nº 09/2014 que trata de:
- Atividades socioeducativas
- Planejamento e registro
- Articulação com a equipe
- Oriente os grupos a discutirem como reconhecem a própria atuação nesses campos. Peça que construam um cartaz com palavras-chave, frases simbólicas e exemplos práticos do cotidiano.
- Socialização dos cartazes. Cada grupo apresenta suas reflexões ao coletivo, reforçando os desafios, aprendizados e sentidos da atuação como educadores no SUAS.

Fechamento

- Facilite uma roda de conversa relacionando as práticas do grupo com o que prevê a resolução.
- Questione:

O que já fazemos?

O que ainda precisamos conquistar?

Que atravessamentos existem entre teoria, política e prática?



PARTE 3

Educador chamado CUIDADO (leitura simbólica + gestos)

Desenvolvimento

- Faça uma roda com os participantes. Escreva em uma lousa a atribuição dos gestos simbólicos para cada palavra-chave do texto, como:
 - Respeito – aperto de mão
 - Cuidado – abraço
 - Acolhida – palmas
- Faça a leitura em voz alta do texto “O Educador chamado Cuidado”, de forma pausada, convidando o grupo a ouvir com o corpo.

Durante a leitura, convide o grupo a realizar os gestos coletivamente nos momentos correspondentes. A proposta é simbólica e afetiva.

“Era uma vez um Educador Social chamado CUIDADO que sempre sonhava em garantir o RESPEITO a todas as pessoas. Mas não qualquer respeito. Aquele construído no cotidiano, com escuta, presença e ações que reconhecem o outro como sujeito de direitos. Certo dia, percebeu que seu trabalho só faria sentido se tivesse ACOLHIDA junto às comunidades. Foi então que o CUIDADO saiu em busca do que realmente movia sua atuação.

No caminho, encontrou pessoas que vivem diferentes realidades: algumas enfrentavam desafios imensos, como a fome, a ausência de renda, a violência; outras traziam histórias de superação, de luta coletiva, de vida partilhada.

O CUIDADO observou que, mesmo diante das dificuldades, quando havia um espaço de ACOLHIDA e troca, as pessoas sentiam-se mais fortalecidas. Foi assim que compreendeu que a Assistência Social não se trata apenas de serviços – mas sim de uma política pública de proteção social, garantida pela Constituição Federal, pela LOAS e organizada pelo SUAS.

Aprendeu também a diferença entre Assistência Social e assistencialismo. Enquanto a primeira reconhece direitos e fortalece a autonomia, o segundo apenas entrega coisas e reforça a dependência.

E o Educador Social chamado CUIDADO sabia bem: seu papel era de educador popular,

de formador de vínculos, de semeador de possibilidades – e nunca de quem alimenta o favor.

Chegando ao serviço onde trabalhava, encontrou suas colegas que traziam um grande sorriso no rosto. Foi nesse momento que o CUIDADO percebeu que o sorriso e a ACOLHIDA geravam laços de confiança, e que o RESPEITO era a base de tudo. Mas ele também entendeu que o compromisso com a transformação social exigia persistência, estudo, escuta atenta e articulação com a rede. Foi então que, interferindo os pensamentos do Educador Social chamado CUIDADO, sua equipe gritou bem forte:

Ei, CUIDADO, você encontrou o que procurava?

– Sim! Sim! Encontrei!

Descobri que ser Educador Social é mais que realizar atividades.

É promover o direito à cidade, à escuta, à convivência.

É atuar com base na legislação que orienta a política pública,

É lutar contra o assistencialismo disfarçado de bondade,

É caminhar junto com o território, reconhecendo saberes e potências.

É garantir o RESPEITO, provocar um sorriso e ofertar ACOLHIDA verdadeira!

É no encontro com o outro que a gente aprende, cresce e constrói caminhos de transformação!

Vocês querem saber como seguir?

Então tragam o RESPEITO, um sorriso bem bonito, e sejam todas, todos e todos:

BEM-VINDOS À EDUCAÇÃO SOCIAL, ONDE O CUIDADO É A NOSSA LUTA DIÁRIA!"

Fechamento

Convide os participantes a compartilhar em uma palavra o que levam do encontro.







ENCONTRO 06
05 DE ABRIL DE 2025

O papel mediador do/a educador/a social

Mediadora **Iorrana Almeida**

Educadora popular e educadora social atuante na Política de Assistência Social, nos Serviços de média complexidade. Também é facilitadora de projetos, modelo e atriz (teatro de palco e teatro popular no Cabaré das Fortes). É integrante do Coletivo Movimento das Minas. Iorrana acredita que a mudança começa “eu comigo mesmo, eu com o outro eu com o mundo.”

Instagram: @rranarodrigues



Mediadora **Carol Nonato**

Educadora popular e educadora social, atua na Política de Assistência Social, em Serviço de Acolhimento Institucional. É integrante do Coletivo Movimento das Minas.

Instagram: @nonato_cn



Paulinho abriu o encontro com alegria e propósito.



Apresentou Carol e Iorrana – duas jovens mulheres, educadoras sociais, que com 25 anos já carregam a experiência de quem vive o território e a escuta. A roda se formou com o corpo, e não só com as palavras.

A dinâmica inicial foi com as cartas do jogo Grok. Cada participante recebeu um sentimento e o expressou com o corpo, em forma de mímica.

O grupo tentava adivinhar:

era raiva? medo? alegria? susto?

E o que ficou foi uma certeza:

o corpo fala, mesmo quando a boca silencia.

Depois, veio a pergunta:

“Como eu chego hoje?”

Vieram respostas atravessadas de verdade:

“Feliz, porém exausta.”

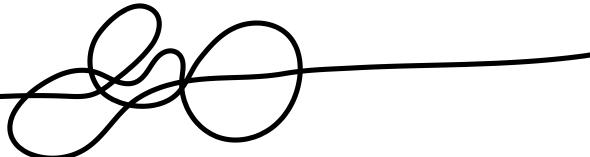
“Tranquila.”

“Esperançosa.”

E alguém disse, com a coragem de quem sabe se reconhecer:

“Chego bem... é a mentira que quero para mim.”

A escuta já estava ali. Inteira. Pronta.
Após o café, a vivência ganhou densidade.
Divididos em dois grupos, recebemos textos
diferentes, mas com algo em comum.
Só não sabíamos disso ainda.



De um lado, a revolta de um educador no ônibus, ouvindo falas cruéis contra a juventude.
Do outro, o luto de uma comunidade diante da morte de um comerciante.
E quando as histórias se cruzaram, vimos que eram a mesma.
A mesma dor. A mesma ausência. A mesma ferida aberta em lados opostos.

O silêncio pesou. A roda escutou.

E alguém disse:

“O novo assaltante é o filho do amigo que morreu.”

Outro perguntou:

“Você entende que foi violentado quando começou a trabalhar muito cedo?”



Falamos de violência, sim.

Mas também falamos de fome, de abandono, de infância roubada.

E então, não dava mais para julgar. Só dava para escutar.

Em duplas, testamos a escuta.

Aquela que interrompe.

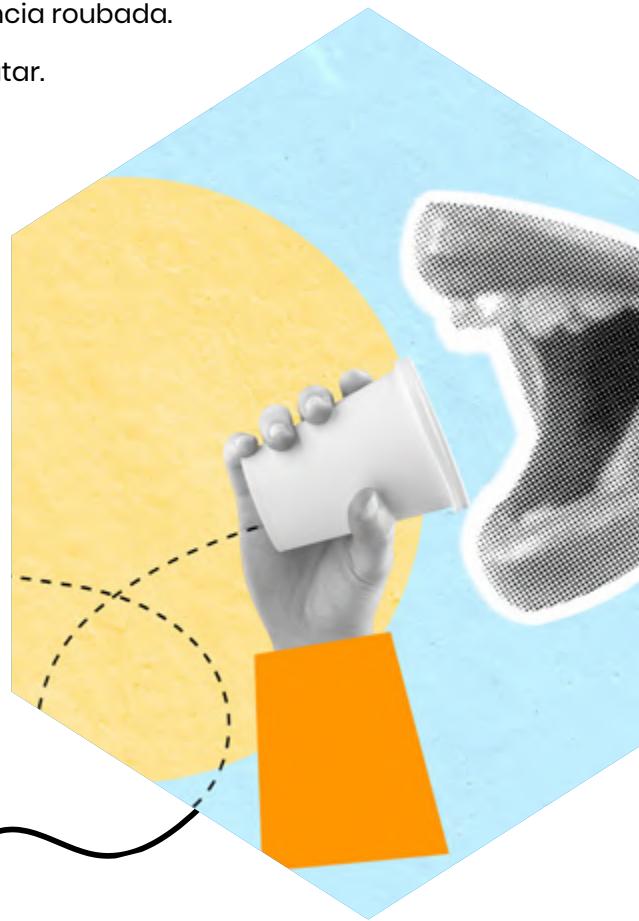
Aquela que aconselha.

Aquela que escuta com o corpo inteiro.

Descobrimos que a escuta também nos atravessa.

Que quando abrimos espaço, criamos vínculo.

Que ouvir é, muitas vezes, um gesto de resistência.



As perguntas ficaram ecoando:

“Quem me apoia?”

“Quem cuida de quem cuida?”

“Até onde posso ir antes de me perder de mim?”



E o encontro se encerrou com um lembrete que ficou em todo mundo:

Educar é mediar. E mediar é enxergar o que ainda não foi dito.

Metodologia

Mímica com Cartas do Grok + Histórias Cruzadas + Escuta em Duplas

Intencionalidade geradora: trabalhar a escuta qualificada, a empatia e a mediação a partir de vivências que acessam sentimentos, desconstrução de julgamentos e ampliação do olhar sobre as histórias.

Tempo médio: 50 minutos

Materiais: cartas do jogo Grok ou cartões com nomes de sentimentos, textos com narrativas diferentes sobre um mesmo caso, folhas de papel, canetas.

PARTE 1

Mímica com Cartas do Grok

Desenvolvimento

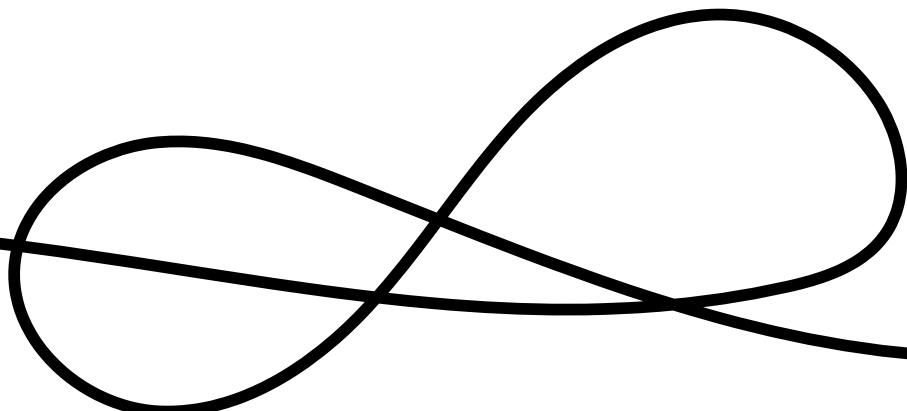
- Distribua uma carta do jogo Grok para cada participante (ou imprima sentimentos diversos).
- Exemplos: raiva, medo, alegria, nojo, esperança, tristeza, inquietação, tranquilidade, surpresa, desencorajamento.
- Oriente que cada pessoa represente o sentimento recebido por meio de mímica. Os demais participantes tentam adivinhar qual é a emoção expressa.

Fechamento

Após a rodada, conduza uma conversa breve:
Como foi representar sem palavras?
Foi fácil ou difícil identificar sentimentos no outro?
O que isso diz sobre a escuta não verbal no nosso trabalho?

PARTE 2

Histórias Cruzadas: Dois lados da mesma narrativa



Desenvolvimento

- Divida o grupo em dois subgrupos.
- Entregue a cada grupo um texto diferente com fragmentos de uma mesma situação real ou fictícia (sem revelar a conexão entre eles).

Grupo 1 Ler um relato de um educador ouvindo falas violentas no ônibus:

Esses dias, voltando do trabalho, sentei cansado no ônibus, como de costume, de cara fechada e torcendo para chegar em casa o mais rápido possível. Havia sido um dia difícil no emprego; trabalho na assistência social e tenho visto o aumento da pobreza, fome, das vulnerabilidades sociais e do enfraquecimento das políticas públicas, quase que diariamente. Ao meu lado estava sentado um homem, parecia estar voltando do trabalho também e ter por volta de 40 anos. Não demorou muito ele começou a puxar assunto e disse:

— Você tem visto os jornais? O crime só cresce e a gente segue refém desses

vagabundos!

Respirei fundo e me calei, rezando para que a conversa parasse ali, no momento estava tão frustrado com tudo que já havia acontecido no decorrer do dia, que preferi não argumentar. Porém, ainda assim ele seguiu:

— E os de menor, são os piores, tem que reduzir a maioridade penal e mandar essa raça tudo pra cadeia!

Nesse momento já estava no auge da minha raiva e resolvi argumentar mesmo cansado demais para isso, e então respondi:

— Olha senhor, redução de maioridade penal é um assunto complicado, as juventudes vão para a criminalidade não por acharem bonito, mas por ser a opção mais viável de sobrevivência. Digo isso por experiência própria, pois trabalho justamente com jovens que estão em cumprimento de medida socioeducativa

A partir daí, parece que a raiva dele não se voltou apenas contra os jovens e o crime, mas também contra mim. O homem seguiu dizendo:

— Ah então você é dos direitos humanos? Ou melhor, “direito dos manos”. Direitos humanos, são para humanos direitos, você tem razão, não tem que reduzir a maioridade penal, tem é que liberar o porte de armas pra gente matar essa cambada de trombadinha toda. Eu como um bom cidadão, tenho o direito de defender a minha família.

Grupo 2 **Ler uma notícia sobre um crime cometido por um jovem.**

Um homem de 42 anos foi assassinado a tiros por um jovem em seu comércio. A vizinhança, relatou que Francisco (vítima), era um morador antigo do bairro e que além da esposa e dos filhos, também irá deixar muita saudade e admiração por sua trajetória. De acordo com a polícia, ele foi morto a tiros por um jovem com menos de 18 anos, após reagir a um assalto à mão armada no comércio de sua família. Segundo os vizinhos, o comércio sempre foi um sonho da vítima e fruto de anos de trabalho como porteiro e

sacrifício dele e de sua família, os quais passaram muita dificuldade para economizar o dinheiro que possibilitou a realização do sonho.

Desenvolvimento

- Cada grupo discute o texto separadamente.
- Oriente que expressem seus sentimentos ao ler a história.
- Peça para o grupo 01 ler sua parte.
- Neste momento a facilitadora lê: “**Daí em diante, suas falas eram tão carregadas de uma raiva que parecia muito verdadeira e pessoal, que a única coisa que dei conta de fazer foi ouvi-lo. E de repente ele começou a contar uma história de um amigo de longa data, carregada de muita emoção. A história foi a seguinte:**”
- Depois peça para o grupo 02 ler seu texto. E a facilitadora finaliza com:
- “Após ouvir a história, pude ouvi-lo de outra forma, ouvir a partir dos sentimentos que se escondiam por trás das falas que me causavam nojo. Ouvi que o passageiro ao meu lado se chamava João, tinha 41 anos, acordava todos os dias para trabalhar às 04:00 da manhã, que também era porteiro e era amigo de Francisco há mais de 25 anos. Ouvi o seu medo, sua raiva, seu luto.
- Na sequência, João seguiu dizendo:
- – Outra coisa que me machuca, é que depois da morte do Francisco e da esposa dele entrar em depressão, o Felipe, filho dele de 15 anos, parece que perdeu o rumo da vida, passou a usar droga, desconfio que talvez até esteja mexendo com isso, temo que logo esteja andando com os bandidos do bairro.
- A única coisa que conseguia pensar enquanto ele dizia, era: Quantos Franciscos, Felipes e Joãozinhos o sistema e as violências estruturais ainda vão produzir? E quanto

tempo ainda irá durar o ódio que temos entre nós e não contra o sistema que produz isso?

- Quando dei por mim novamente, já havíamos chegado na parada de João, mas antes de descer, ele olhou-me nos olhos e disse:
- — Não é engraçado que a vida esteja levando Felipe justamente para o mesmo caminho daquilo que matou o seu pai? Olhando agora, o Felipe me lembra tanto o jovem que fez os disparos.

Fechamento

Revele que os textos tratam do mesmo caso. Promova um debate sobre como diferentes recortes de uma história provocam reações distintas. Questione o grupo:

Como mediamos histórias incompletas?

Quais são os riscos do julgamento imediato?

Como ampliar nossa escuta sobre as narrativas do território?



PARTE 3

Processos de comunicação (inspirado na Comunicação Não Violenta – CNV)

Desenvolvimento

- Forme duplas e explique que cada uma irá experimentar cinco tipos de escuta.
- Liste as formas de escuta:
- Atenção dividida – quando ouvimos alguém, mas nossa atenção está em outro lugar, seja no celular, nos próprios pensamentos ou em tarefas paralelas.
- Falar de si – escuta atravessada por relatos pessoais, em que a pessoa, em vez de acolher a fala do outro, traz a sua própria história como resposta.
- Dar conselhos – escuta que responde com soluções rápidas, sem se aprofundar na escuta genuína ou nas necessidades reais de quem fala.
- Entrevista – escuta com foco em perguntas e coleta de dados, comum em atendimentos técnicos, mas que pode limitar a escuta empática.
- Buscar se conectar – escuta que exige presença real, sensibilidade e entrega. Esse tipo foi desdobrado em quatro possibilidades vivenciadas em exercício: escutar sem interromper: estar presente de corpo inteiro, permitindo que o outro fale sem cortes, com silêncio ativo e respeito ao tempo de cada um
- Escuta com feedback: devolver à pessoa o que compreendemos da sua fala, tentando nomear sentimentos e necessidades percebidas (“Você está se sentindo... porque precisa de...?”) / Compartilhar como me senti ao escutar: reconhecer que a escuta também nos atravessa e pode gerar sensações que devem ser acolhidas

com cuidado / Exercitar a escuta ativa: acolher com empatia, sem julgamento ou urgência de resposta, buscando se colocar no lugar do outro com abertura e escuta verdadeira.

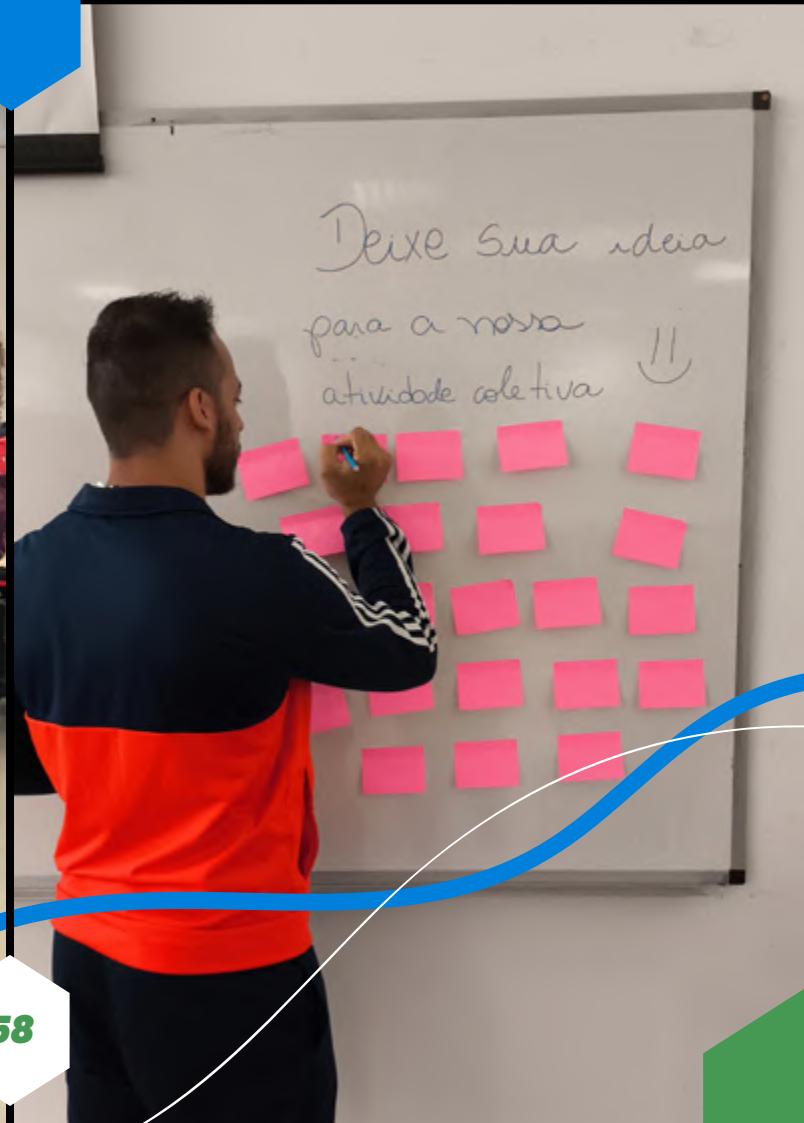
- Oriente que um dos participantes fale sobre um tema pessoal ou profissional enquanto o outro escuta, variando a forma a cada rodada. Faça trocas a cada 2 ou 3 minutos.

Fechamento

Finalize com uma roda de partilha. Pergunte:

- Como você se sentiu sendo escutado de diferentes formas?**
Qual tipo de escuta gera mais vínculo?
Como você escuta as pessoas que acompanha no território?







ENCONTRO 07
12 DE ABRIL DE 2025

Educação como prática de liberdade



Mediator **Gilberto Alves**

Mais conhecido como Betinho, é educador popular, artista independente e restaurador. Tem uma visão de mundo que a educação seja um direito fundamental e busca criar espaços de diálogos e troca de saberes, sempre através da escuta ativa e do respeito. Betinho explora as mais diversas formas de expressão entendendo a arte e a educação popular sendo meios de reflexão e transformação social, sendo a criatividade uma poderosa aliada para a edificação de um mundo mais justo e humano através da atuação nas comunidades, seja com questionamento, seja na inspiração direta por mudanças. Também atua na preservação cultural e histórica, buscando a valorização patrimonial de saberes originários, entendendo que a memória coletiva é fundamental para a formação da identidade e do pertencimento.

Instagram: @alvesfranciscogilberto



Mediadora **Doroti Martz**

Arte educadora, professora de artes e educadora social com abordagens em educação afro referenciada, danças negras brasileiras, jogos teatrais e brincadeiras populares. Pós-graduanda em Pedagogia das Miudezas na Educação das Infâncias: sobre epistemologias, utopias e teimosias, na A Casa Tombada/SP. Graduada em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão, onde realizou o projeto “O choro da videira, um diálogo entre uvas e vidas”, em mobilidade acadêmica para Portugal, que consistiu na criação do experimento cênico e documentário acerca dos cantos de trabalho portugueses.

Instagram: @doroti.marfe

Chegamos diferentes.

Sete encontros depois, o corpo já sabia onde pisava.
A escuta já reconhecia as vozes.
Gilberto abriu o dia com presença e poesia.
Pediu que fechássemos os olhos.
E um a um, com um leve toque, cada pessoa dizia:
quem é e como chega.
As falas vinham como fragmentos de realidade:

“Sou mãe.”

“Tenho 19 anos.”

“Estou faminta de saber... e de comida.”

“Estou ensaiando voltar à vida.”

“Sou ativista.”

“Estou sobrecarregada.”

Gilberto devolve com reflexão:

*“O que significa estar presente
num processo como este?”*

E foi desmontando ideias cristalizadas sobre o educar.

Desromantizou. Trouxe chão. Trouxe margem.

Falou das funções acumuladas:

oficineiro, recriador, psicólogo informal, conselheiro, artista, cuidador.

Disse:

*“Querem que você se multiplique por trinta.
E ainda faça jorrar margaridas.”*

Falamos da precarização.

Do discurso mágico que encobre a falta de estrutura.

Do trabalho que não é lúdico – é luta.

E veio uma frase que virou metáfora do encontro:

*“Lá em casa tem um poço.
Mas a água é difícil de beber.”*

A questão não é querer. É poder.

O acesso é o problema, não o desejo.

Gilberto leu “Há Tempos”, de Legião Urbana.

As palavras atravessaram:

*“Disciplina é liberdade.
Compaixão é fortaleza.”*

*“Há ferrugem nos
sorrisos.”*

*“O acaso estende os braços a
quem procura abrigo.”*

E então veio a pergunta disparadora:

“Se eu bater na porta, quem sai?”

E as portas foram se abrindo:

Saiu uma mulher negra, mãe de quatro, que viveu na rua aos 10 anos.

Saiu um menino criado pelos avós, que hoje educa no projeto que o acolheu.

Saiu uma educadora em luto.

Saiu um homem preso por causa da cor da camisa.

Saiu uma menina que nunca pôde ser criança.

Saiu uma mulher que pensava ser farsa, mas está se fazendo real.

Saiu quem sempre se achou estranho demais – e se reconheceu na roda.

Saiu uma educadora que carrega o território no corpo e, agora, também o direito de sonhar.

Saiu uma mulher que quer aprender a ser doce, depois de ser forte demais por tempo demais.

O silêncio entre uma fala e outra dizia tudo.

O grupo não era mais o mesmo.

Doroti entrou como quem traz quintal no peito.

Trouxe ervas.

Trouxe cosmopercepção.

Disse: “Macumbaria é epistemologia.” É jeito de curar. De cuidar. De resistir.

Apresentou as plantas:

Vence Demanda, para abrir caminhos.

Guiné, para descarregar.

Arruda, para proteger.

Boldo, para limpar.

Falsa-Mirra, para restaurar.

Mangueira, para fortalecer.
 Cada pessoa escolheu a que mais precisava.
Passou no corpo. Cheirou. Se reconectou.
 Depois, cada um depositou seu ramo numa bacia.
 E com ele, uma palavra de afeto, um cuidado.
 Escrevemos cartas.
 De um lado, as dores.
 Do outro, os desejos de cura.
 Cartas para si.
 Cartas para voltar quando tudo pesar de novo.
 Doroti fechou com o que já sabíamos, mas precisávamos ouvir de novo:
 “A gente junto é muito melhor do que sozinho.”



E então, Paulinho organizou os grupos para o último encontro.
 Mas no fundo, naquele dia, a formação já tinha dado a volta.
 Não se tratava mais de conteúdo.

Era pertencimento. Era memória. Era prática de liberdade.

Metodologia

**“Se eu bater na porta, quem sai?” +
Roda das Ervas + Carta para Si**

Intencionalidade geradora: acessar camadas profundas da identidade, do cuidado e da ancestralidade como elementos estruturantes da prática educadora, promovendo reconexão com a história pessoal e com os sentidos do trabalho social

Tempo médio: 2h30 minutos

Materiais: bacia ou cesto central, ramos de ervas naturais, papel e caneta para cada pessoa.

PARTE 1

“Se eu bater na porta, quem sai?”

Desenvolvimento

- Forme uma roda de escuta.
- Explique que esta é uma vivência de expressão simbólica e que cada pessoa poderá, se quiser, compartilhar uma fala, uma história ou fragmento de si a partir da pergunta: “Se eu bater na porta, quem sai?”
- Incentive que a resposta venha da escuta interna.
- Pode ser literal, metafórica, curta ou longa. A roda é de partilha e não de julgamento.
- Garanta silêncio e escuta ativa entre os participantes.
- Não há comentários entre as falas. Apenas presença e acolhimento.

Fechamento

Ao final, proponha que cada pessoa registre em uma palavra o que ficou da escuta. Faça um círculo de palavras.



PARTE 2

Roda das Ervas: cosmopercepção e cura popular

Desenvolvimento

Disponha no centro da roda diversos ramos de ervas com significados simbólicos.

Exemplo de ervas e seus sentidos:

- Vence Demanda – proteção e abertura de caminhos
- Guiné – limpeza energética, força
- Arruda – purificação e proteção
- Boldo – desintoxicação e equilíbrio emocional
- Falsa-Mirra – restauração da harmonia
- Mangueira (folha) – vitalidade e cura ancestral

Explique brevemente o sentido simbólico e terapêutico de cada erva. Reforce que a proposta é de reconexão com saberes populares e ancestrais. Convide cada pessoa a escolher uma erva com a qual se identifica naquele momento.

Fechamento

Oriente que sintam a erva no corpo: toquem, cheirem, passem suavemente no rosto, nas mãos. Depois da conexão individual, cada pessoa deposita sua erva em uma bacia central, acompanhada de uma palavra de afeto ou cuidado para o grupo.



PARTE 3

Carta para Si: diálogo entre a criança e o adulto

Desenvolvimento

Entregue uma folha para cada participante, orientando que a carta seja escrita dos dois lados:

Lado 1: dores, cansaços, desafios atuais

Lado 2: estratégias de cuidado, desejos e caminhos possíveis

Proponha que a carta seja escrita como um diálogo entre a criança que a pessoa foi e o adulto que ela é hoje.

Fechamento

Perguntas-guia:

Quais são minhas questões hoje?

O que me ajudaria a cuidar delas, mesmo que não resolva tudo?

O que minha criança gostaria de ouvir de mim?

Sugira que a carta seja guardada, relida sempre que necessário, como instrumento de autorreconhecimento.

Encerre a atividade com uma frase coletiva ou roda de agradecimento.







ENCONTRO 08

10 DE MAIO DE 2025

Educação, Cultura Popular e as relações étnicos raciais



Mediadora **Márcio Folha**

Márcio Folha é educador social há mais de 25 anos, formado pela cultura de rua, cultura negra e movimento negro. Formado em pedagogia e Mestre em Educação pela UNESP/Rio Claro. Autor do livro em HQ: Histórias de Tio Alípio e Kauê o Beabá do Berimbau. Atualmente oferece consultorias à projetos sociais e culturais, atua como Supervisor técnico sob a percepção da Educação Social e realiza formações para profissionais da educação, assistência social e saúde. É co-fundador da Aya Cia de dança e atleta medalhista de Paradança, representando Campinas em campeonatos Nacionais.

Instagram: [@marciofolha7](https://www.instagram.com/marciofolha7)



Chegamos com o coração marcado pela travessia. Cada passo até aqui trouxe um pouco de chão no peito e história nas mãos. Paulinho abriu a roda relembrando: finais não são despedidas - são só um novo começo girando no compasso da roda.

E foi nesse compasso que Márcio Folha entrou: corpo aberto, palavra pulsante e ancestralidade viva. Não precisou de muitas apresentações; seu olhar já dizia tudo. Trouxe no gingado da capoeira a sabedoria de quem aprendeu com a rua, com a luta e com a reexistência.

Convidou cada pessoa a se apresentar a partir de três perguntas simples e imensas:

“Quem é?”
“De onde vem?”
“Para onde vai?”

E antes mesmo de as respostas ecoarem, já estávamos atravessados pela certeza: somos fruto de muitos caminhos, e nenhum de nós chegou aqui sozinho.

Folha então abriu o baú da memória ancestral e nos presenteou com a lenda da **menina que virou berimbau**. Contou de um tempo antigo, nas margens de um rio africano, onde as guerras e opressões tentavam silenciar a liberdade. Mas uma menina nasceu com a promessa de transformar o mundo – e mesmo diante das dores, foi dela que nasceu o som sagrado do berimbau, instrumento que até hoje, ao ser tocado, evoca paz e resistência.

E foi nesse silêncio de respeito que o berimbau ecoou na sala, não apenas como música, mas como chamado.

Com essa sabedoria girando entre nós, Márcio trouxe a crítica afiada de Nêgo Bispo:

“O problema não é desenvolver. É que, ao desenvolver, a gente se separa. O que precisamos é nos envolver.”

Falou da lógica colonial que criou a ideia de progresso como linha reta, negando as ancestralidades, os saberes de quintal, de terreiro, de beirada de rio. E

nos convidou a outro movimento: envolver-se – mergulhar na história do outro sem pressa de salvar, sem desejo de mudar, mas com a intenção de compartilhar, aprender e resistir juntos.

A roda virou tambor.

Márcio nos conduziu a uma vivência onde instrumentos nasceram da simplicidade: Latas de achocolatado viraram tambores. Garrafas PET, chocalhos de resistência. Castanhas e objetos reaproveitados se tornaram instrumentos de memória.

Dividiu o grupo entre os que carregavam o som forte e os que traziam a leveza quase inaudível dos chocalhos. Em meio a esse arranjo, a pergunta pulsou no ar: “Quem faz mais barulho tem mais importância? E o que acontece quando calamos as vozes mais suaves?”

Entre batidas e silêncios, compreendemos: toda voz importa.

Cada som tem seu tempo de existir.

E só há verdadeira harmonia quando todos encontram espaço para serem ouvidos.

Como ritual de encerramento, a potência da ancestralidade falou mais alto.

Cada pessoa escreveu em um papel o que desejava deixar para trás – dores, pesos, opressões. Entregamos esses papéis ao fogo, num vaso de cerâmica, assistindo às chamas levarem embora o que já não servia mais.

Depois, escrevemos com a luz de uma vela nossos desejos mais profundos, sonhos de futuro. E, com as cinzas ainda quentes, revelamos sobre o papel o que antes estava oculto.

Entre fumaça e esperança, as palavras reapareceram:

Liberdade

Equidade

Reconhecimento

Ancestralidade

Respeito

E, como não poderia faltar, a dança tomou o espaço. Na batida do tambor improvisado, o corpo celebrou o que a palavra não alcança.

E a pergunta ficou suspensa no ar, como se o próprio vento a levasse adiante:

*“Encerramos... ou apenas
começamos na Educação Social?”*

Saímos dali com a certeza de que, enquanto houver roda, tambor e território, a luta segue.

E que a potência da Educação Social está justamente nisto:

*Reexistir, envolver-se e
transformar o mundo... um passo de cada vez.*

E quando pensamos que a roda havia girado tudo o que podia, veio a última partilha.

Gilberto, nosso poeta do 7º encontro, abriu a cena com uma poesia-síntese, nascida da dinâmica “Se eu bater na porta, quem sai?”. Cada participante leu uma estrofe, e o que era poema virou corpo, voz e lágrima. Ali, naquele instante, cada um reconheceu-se e foi reconhecido.

Na sequência, o grupo artístico trouxe um poema coletivo, onde cada estrofe foi um pedaço de vida ofertado à roda. Um canto de denúncia, resistência e esperança, costurado nas palavras que dançavam entre o passado e o futuro.



O Grupo “40+” trouxe um recado potente: o envelhecimento é um ato de resistência, e a dignidade na velhice é um direito, não um favor. Apresentaram dados, recortes da realidade, e com um sorriso maduro e afetuoso, reforçaram: “Cuidar de si é um ato revolucionário. Envelhecer bem é um direito conquistado a cada luta.”

Cada apresentação foi um sopro de vida, uma devolutiva afetiva da jornada. O que era teoria virou prática; o que era silêncio virou voz.

Camilla, com a emoção transbordando nos olhos, fechou dizendo:

*“Essa Academia
é de vocês. E enquanto
houver educador em movimento, ela
nunca se encerrará. Sigamos em roda.
Sigamos em luta.”*

E então, como quem sabe que os ritos precisam de testemunho, a foto final foi tirada. Mas não foi apenas uma foto. Foi um marco.

Um lembrete de que a Educação Social não cabe em molduras.

Ela vive no compasso dos passos, no batuque dos corações, e na certeza de que o mundo, por mais duro que seja, ainda pode ser reinventado – de dentro para fora, de baixo para cima, e, sobretudo, juntos.

*Que venha a próxima travessia.
A roda não para.
O movimento continua.*

Metodologia

Intencionalidade geradora: Valorizar a ancestralidade, a oralidade e a corporeidade como fundamentos da Educação Social, fortalecendo a roda como espaço de encontro e escuta.

Tempo médio: 2 horas

Materiais: Latas de achocolatado, garrafas PET, castanhas, objetos reutilizáveis para construção de instrumentos musicais, papéis em branco, canetas, vaso de cerâmica, velas e fósforos/isqueiro.

Desenvolvimento

- A roda inicia com acolhida e perguntas disparadoras sobre identidade e trajetória (“Quem é?”, “De onde vem?”, “Para onde vai?”). Em seguida, apresenta-se uma narrativa ancestral (lenda da menina que virou berimbau), intercalada com reflexão crítica sobre colonialidade e o conceito de envolver-se.
- O grupo é conduzido a uma vivência musical: construção de instrumentos com materiais simples e organização de arranjos coletivos, explorando sons fortes e suaves. Essa prática é permeada pela reflexão sobre a importância de todas as vozes no coletivo.
- Depois, os participantes escrevem em papéis aquilo que desejam deixar para trás e, em outro papel, os desejos de futuro, realizando ritual de queima e revelação com fogo e vela.
- O encontro segue com partilhas em forma de poesia, música e apresentações dos grupos, valorizando os recados da experiência e reafirmando a Educação Social como prática de liberdade e resistência.

Fechamento

Partilha dos desejos revelados no ritual, celebrada com dança, música e leitura coletiva. O encontro se encerra como novo começo, registrado simbolicamente em foto, reafirmando a continuidade da Educação Social no território.



Participantes: quem moveu esse percurso

Quem produziu a riqueza deste conteúdo foram as pessoas que estiveram conosco ao longo desta caminhada. Cada fala, gesto, silêncio, lágrimas, sorriso e partilha fizeram da formação um território vivo de afeto, resistência e aprendizado.

Foram educadores e educadoras sociais, trabalhadores das políticas públicas, lideranças comunitárias e pessoas comprometidas com a transformação dos territórios por meio da escuta e da presença.

Alguns estiveram em todos os encontros. Outros chegaram no segundo. Houve quem precisasse partir antes do fim. Mas todos, sem exceção, deixaram sua marca – na roda, nas atividades, nas conversas e no nosso coração coletivo.

A Educação Social é feita de travessias. E cada pessoa que passou por essa foi (e é) parte essencial da construção desta memória formativa.

Com gratidão e reconhecimento, listamos a seguir, em ordem alfabética, quem moveu essa caminhada:

Ana Paula da Costa Luiz

Beatriz Gomes da Silva

Dandara Morena Beltrami da Silva

Édina Andreia de Oliveira Pereira

Fabiano Imídio da Silveira

Gabriel Henrique Farias

Gislaine de Almeida Russo

Hernani Luiz Lucas

Inaê Iara Aparecida Alves Souza
Ingrid Caroline Cordeiro Batista
Iraci Aparecida Barboza Ventura
Isabella Letícia Bom Soares - Punka
Juliana Fernanda Araujo de Souza - Ruana
Kevellyn Kênia Alves Maria
Leonor Elisângela Oliveira da Sy
Letícia Rodrigues Mothé
Luciane Veríssimo dos Santos
Marcela Stefani da Silva Carvalho
Mykhaell Fernando Pereira dos Reis
Noemy Ariane Tomas
Paulo Henrique Neves Novaes
Rebeca Cristina de Souza
Renata dos Santos Damas
Sueyla Nascimento de Moraes - DJ
Valdenice Corrêa de Almeida Rezende - Kelly
Vera Lúcia Lena de Souza
Vinícius Vicente Cosme Muoio Gonçalves
Yasmin Arruda dos Santos

***E a cada nome aqui registrado, reafirmamos:
a Educação Social segue em movimento – enquanto houver roda,
escuta e encontro, nossa travessia continua.***

Depoimentos e Frases que Atravessaram a Formação

Mais do que conteúdo, uma formação se sustenta naquilo que se escuta, se sente e se partilha. Nesta seção, reunimos palavras ditas e sentidas, frases que surgiram nas rodas, nas vivências, nos silêncios compartilhados – frases que atravessaram corpos, tocaram histórias e deixaram marcas. Este é um recorte daquilo que se construiu entre as margens da escuta e do afeto:



"Ocupem espaços que agregam, e não que doutrinam."

"Quando não há democracia, tudo depende de quem vai atender a gente."

"Quando valido a minha história, valido a história do outro"

"Quanto maior a ausência do Estado, maior a chance de reivindicação"

"A educação social apresenta a vida para as pessoas."

"Quanto mais caos, mais sentido faz lutar por justiça social"

"Somos responsáveis por como marcamos o outro com as nossas ações."

"Transformar a revolta em arte."

"Comunicação e linguagem me encantam. São muito potencializadoras."

"A escuta é potência."

"A tristeza que atravessa o educador não é falha individual – é expressão de um sistema adoecido."

"Caiu a ficha. Eu me vi realizando atividades e não era capaz de me enxergar."

"Chego bem... é a mentira que quero para mim."

"Em um quadro depressivo, eu olhava no espelho e não me reconhecia. Hoje vejo meu queixo e minha testa"

"Eu vivo no olho do furacão. Essa realidade que você vê e vai embora, eu fico nela"

"Gostei da leitura que juntou o quebra-cabeça. Conseguí ver o outro lado."

"Imaginam que nós jovens temos a mesma vida dos nossos pais, mas não. Nós imaginamos o impossível."

"Não estaria aqui se não acreditasse que é possível transformar vidas."

"Pessoas mortas emocionalmente por violências que sofreram."

"Resistir é existir: para existir você tem que resistir."

"Temos a mesma potência, o degrau é o mesmo, mas não querem que a gente chegue lá."

"Se hoje estou aqui é porque um educador social disse que sou potência e isso me transformou."

"Uma pessoa idosa que atendo morreu de fome dentro de casa, com a dispensa cheia."

"Somos sementes, plantamos e somos frutos."

"Em nossa atuação somos como polvo, que busca alcançar de várias formas e jeitos."

"Trocas com pessoas moldam caráter."



Atividades geradoras em destaque

Como avaliação sensível do percurso, convidamos cada participante a entregar um registro livre (texto, imagem, objeto, poema etc.) que remetesse à memória dos oito encontros e expressasse o vivido. Destacamos a seguir uma produção que definiu o percurso de forma especial.

Fruto da Arte, Semente do Mundo (Uma obra de Vinícius V. C. Muoio Gonçalves)

Eu sou fruto.

Fruto que nasceu do solo fértil da arte-educação,
regado por mãos que acreditaram antes de mim,
num terreno onde, um dia, eu nem sonhava em florescer.

Jamais imaginei, ao cruzar aquele portão,
que seria ali – naquele chão de vozes, tambores e histórias – que eu descobriria o
tamanho do mundo que cabe dentro de mim.

Eu, que nunca me vi nesta cena,
me vi, enfim, sendo parte da cena.

E percebi que ser educador é ser ponte,
é ser semente e também jardim.

Dentro desse projeto,
descobri que a arte é mais do que cor, som ou gesto. Ela é respiro, é abrigo, é revolução
silenciosa

que mora nos detalhes e nas trocas mais simples.

As experiências que vivi aqui

foram as mais profundas, as mais belas,

as mais humanas que já couberam no meu peito.

Cada olhar que encontrei, cada mão que apertou a minha, cada história que ouvi e que se

entrelaçou à minha jornada,

eu carrego agora, não como lembrança,

mas como parte viva de quem eu sou e de quem eu serei.

A educação social me mostrou

que o mundo não muda sozinho,

mas se transforma no compasso das relações, no acolhimento sincero,

no gesto de quem ensina e aprende ao mesmo tempo.

Saio desta formação com os bolsos cheios de admiração, com o coração costurado de carinho e gratidão, e com a certeza de que cada um que passou por mim vai habitar meu

mundo pessoal e profissional como um farol aceso nas noites que virão.

Hoje sou mais do que entrei.

Sou mais potente, mais inteiro,

mais conhecedor e, acima de tudo,

mais capaz de transformar outros caminhos, do mesmo jeito que transformaram o meu.

Porque ser educador é isso:

é se permitir ser mudado para então mudar o mundo.

Encerramento ou novo percurso?

A formação Educação Social em Movimento não termina com o último encontro – ela continua em cada prática que se ressignifica, em cada vínculo fortalecido e em cada território, onde um educador ou educadora decide estar presente com coragem, afeto e intencionalidade.

Ao longo de oito encontros, provocamos escutas, deslocamos certezas, relembramos histórias e criamos memória coletiva. Reconhecemos a complexidade do nosso fazer, os limites da política pública, mas também as potências que emergem quando nos colocamos em movimento – juntos.

Este portfólio é uma devolutiva viva do processo formativo. Ele carrega parte do que foi vivido, sentido e construído. E é convite: para multiplicar as práticas, reaplicar as atividades, provocar novos encontros e seguir fortalecendo a Educação Social como campo legítimo, ético e transformador.

Que este portfólio inspire outras iniciativas formativas, redes e instituições a se somarem na construção de percursos que respeitem os saberes populares, a escuta e o cuidado como centro da ação educativa.

Glossário político-afetivo da Educação Social

Ancestralidade: conexão com os saberes, histórias e práticas dos que vieram antes de nós. Na Educação Social, evocar a ancestralidade é reconhecer que o conhecimento também se transmite pela memória, pela oralidade e pela experiência coletiva.

Cuidado: mais que gesto afetuoso, é posicionamento ético. Cuidar é sustentar a escuta, o vínculo e o reconhecimento do outro como sujeito de direitos. Na prática educadora, o cuidado é cotidiano, intencional e político.

Cosmopercepção: forma de ver o mundo a partir de outras epistemologias, como os saberes de quintal, de terreiro, de roda. Reconhece que há múltiplas formas de perceber, sentir e se relacionar com o mundo – todas legítimas.

Corpo-território: o corpo como extensão simbólica e real do território. Carregamos na pele nossas histórias, violências e potências. O corpo educador sente, comunica e transforma – é instrumento e mensagem.

Educação Popular: processo de construção coletiva de conhecimento, baseado na escuta, na participação, no diálogo e na valorização dos saberes do povo. Inspirada por Paulo Freire, propõe uma educação crítica, libertadora e transformadora.

Educação Social: campo de atuação que articula práticas educativas com o cotidiano dos territórios e a garantia de direitos. Está para além da escola formal, e atua com populações em situação de vulnerabilidade social, nos diversos espaços das políticas públicas e comunitárias.

Epistemologias do Cuidado: formas de produzir conhecimento a partir do afeto, da escuta, da presença e da coletividade. Valoriza os saberes que brotam da experiência vivida, do vínculo e do cotidiano.

Escuta qualificada: capacidade de ouvir com atenção, presença e intenção de compreender. Vai além de ouvir palavras – inclui ler silêncios, observar o corpo e acolher emoções. É instrumento central na prática educadora.

Mediação: ação de conectar, aproximar e facilitar o diálogo entre pessoas, grupos ou instituições. O educador social como mediador é aquele que abre caminhos, sustenta conversas difíceis e transforma conflitos em potência educativa.

Memória coletiva: histórias partilhadas que se constroem em grupo e fortalecem a identidade social. Na educação social, ativar a memória coletiva é reconhecer lutas, trajetórias e vozes que foram silenciadas.

Presença política: estar em um território com consciência crítica e compromisso com a transformação social. O educador é presença política quando reconhece seu papel como articulador de direitos e resistência.

Práticas libertárias: ações educativas que não reproduzem opressões ou hierarquias. Propõem relações horizontais, baseadas na autonomia, no respeito e no desejo de liberdade para todos os envolvidos no processo.

Sistematização da prática: reflexão organizada sobre o fazer cotidiano. É transformar a experiência em conhecimento, documentar aprendizados e compreender o que fazemos, por que fazemos e com quem fazemos.

Território Simbólico: espaço afetivo e relacional onde circulam memórias, culturas e pertencimentos. É o território das narrativas, das identidades e dos sentidos – tão importante quanto o território físico.

Travessia: palavra que aparece como metáfora da formação. Representa o processo de sair de um lugar, percorrer caminhos (às vezes difíceis), encontrar pessoas, se transformar e chegar a novos sentidos.

Referências

BISPO, Nêgo. Colonialismo e educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, 2019

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 8 dez. 1993.

BRASIL. Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais. Resolução CNAS nº 109/2009. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 nov. 2009.

BRASIL. Orientações técnicas sobre o trabalho social com famílias no SUAS. Resolução CNAS nº 9/2014. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 16 abr. 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez, 1994.

ROSENBERG, Marshall. *Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

SOARES, Luiz Eduardo. *Justiça: pensando alto sobre violência, crime e castigo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

**Realização**

Academia Social – Fundação FEAC / PUC-Campinas
/ GEPPEs

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Grão-Chanceler
Dom João Inácio Müller

Reitor

Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior

Vice-Reitor

Prof. Dr. Pe. José Benedito de Almeida David

Pró-Reitoria de Graduação

Profa. Dra. Cyntia Belgini Andretta

Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

Profa. Dra. Alessandra Borin Nogueira

Pró-Reitoria de Educação Continuada

Prof. Dr. Rogério Eduardo Rodrigues Bazi

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e Serviços Compartilhados

Prof. Dr. Victor de Barros Deantoni

Equipe Executora Academia Social

Everton Silveira - Supervisão da Academia Social
Camilla Marcondes Massaro - Coordenação Geral da Academia Social
Marina Piason Breglio Pontes Oliveira - Coordenação Pedagógica da Academia Social
Paulo Silva - Articulação Local
Aline Figueiredo - Assistente de projeto
Jhonny Lima - Auxiliar administrativo

Espaços Parceiros:

Pontifícia Universidade Católica de Campinas/
Centro Educacional Integrado Padre Santi Capriotti
– CEI

Este portfólio é de uso livre para fins educativos e não comerciais. Compartilhe, multiplique, refcrcie.
“Que a Educação Social siga em movimento” -
Campinas (SP), fevereiro a maio de 2025

REALIZAÇÃO:**EXECUÇÃO TÉCNICA:**